

O CARNAVAL É UM PALCO A ILHA UMA FESTA

RUI MOURÃO
MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA





O apelo do cenário improvável

Tudo começou no Museu Nacional do Teatro onde regularmente dou visitas guiadas. Começou com uma visita guiada que nunca cheguei a dar, porque a recebi. Cada vez mais cativado fui ouvindo a Sra. D. Maria dos Anjos falar-me da sua ilha – a Terceira – e da enorme paixão que aí têm por um teatro que acontece apenas numa breve altura do ano: o Carnaval.

Numa época em que o tempo é geralmente ainda frio e a terra empapada da chuva converte a agricultura numa espera inativa, com riqueza de detalhe fui introduzido num relato de jovens que partem em grupo, fantasiados com chapéus de grandes plumas e garridos trajes de cena em digressões noturnas pelos salões de teatro da ilha, aquecendo as Sociedades das freguesias rurais com as suas Danças de Carnaval. É aí que inesperadamente se encontram taxistas que são dramaturgos, padres que são atores, lavradores que são travestis, pescadores que são músicos ou funcionários públicos que são maestros. Como que ganhando fôlego para o longo tempo penitente da Quaresma que o calendário católico marca ainda com peso na ilha, num eco vindo de tempos de antanho grego, soltam-se no Entrudo certas restrições que sobem ao palco em forma de sátira.

Diante da perspetiva do cenário descrito, parti de Lisboa com a minha câmara de vídeo à procura da extraordinária riqueza cultural dessas Danças de Carnaval, cruzadas entre antigos autos católicos de espada, sátiras pagãs e políticas, folclore contemporâneo, estética de teatro de revista, penteados extravagantes, transmissões em fibra óptica por TV cabo para toda a ilha, transmissões em live stream via internet para a América, identidades sexuais marcadas e transgredidas, rimas, trajes de cores vivas, lantejoulas, salões rurais de teatro a abarrotar, convívio, solidariedade, escárnio e maldizer, radioamadores, rock/pop/kuduro tocados com cavaquinhos, acordeões e

pandeiretas, aplausos, risos, mesas abundantes de comida, foguetes, vacas e touros.

Atraiu-me essa energia cíclica de festa e transfiguração coletiva de uma ilha em que tantos, independentemente do que são ou puderam ser, por uma breve altura do ano se tornam artistas. Gera-se então uma vivência no palco em estreita empatia com um público de amigos, familiares, vizinhos e conhecidos que vibrantemente os aplaude e ri e convive com eles. Amadores em tudo o que fazem, no duplo sentido da palavra, são contudo amadores há muitos anos, tendo desenvolvido um estilo próprio, simultaneamente ancorado em tradições antigas e permeável à inovação.

Pareceram-me portanto genuínos os inúmeros depoimentos de pessoas que com emoção me declararam a sua paixão pelo Teatro e pelo Carnaval, afinal de contas a mesma coisa. Em geral os terceirenses adoram apresentar-se com um certo espírito de animação e convívio – “Os Açores são oito ilhas e um parque de atrações: a Terceira. Porque estamos sempre em festa!” disseram-me muitas vezes – construindo em torno dessa ideia de Festa uma identidade que faz esquecer o cerco do mar.

As invulgares características de um teatro popular sazonal, fundido numa especificidade carnavalesca e desenvolvido por uma sociedade insular com uma forte identidade, faz deste um fenómeno cultural que me foi frequentemente apontado como único a nível nacional e internacional, embora fora da região seja praticamente desconhecido.

Durante cerca de duas semanas mergulhei num ambiente que me sendo simultaneamente próximo enquanto raiz comum de matriz cultural portuguesa, me surgia tão distante do meio urbano em que vivo e do contexto da arte contemporânea em que me formei e trabalho. Sair de uma “zona de conforto”, derrubando preconceitos que fazem parte de um país que lida mal com as suas origens rurais, permitiu-me descobrir todo um

fenómeno intenso a vários níveis e entrar em contacto com uma fascinante dimensão convivial, onde as práticas culturais são elas próprias geradoras e intensificadoras de laços afetivos e sociais na comunidade.

Breve contextualização histórica

Em todo este fenómeno História e mito misturam-se constantemente. Ninguém sabe situar com exatidão a origem das Danças de Carnaval da Terceira. Há obviamente a tradição satírica herdada de tempos pagãos e posteriormente apropriada e suavizada pela Igreja Católica no período do chamado *Carne Vale*, em praticamente toda a Europa, incluindo Portugal, e como tal presente com certeza já nos primeiros colonos da ilha vindos do continente no séc. XV. Todavia, uns afirmam que as Danças começaram com o teatro vicentino, outros com as cantigas de escárnio e maldizer, outros com os autos religiosos, outros ainda que começa a surgir apenas no séc. XIX com a popularização do teatro e suas vivências sociais. No meio de tudo isto é tão interessante procurar descortinar as origens das Danças de Carnaval, como aquilo que as pessoas dizem e pensam ser essas origens, a dimensão do mito.

No entanto há coisas que é possível apurar, até com base na memória de pessoas ainda vivas. Sabemos que as Danças inicialmente não eram feitas em palcos, mas em terreiros e em casas de pessoas. As Danças de Espada, refinadas no texto e nos trajes, eram feitas apenas de dia, geralmente à porta das igrejas. Atualmente, nas Sociedades, apresentam-se sobretudo como tragédias comuns na vida das pessoas da comunidade, mas antigamente eram autos religiosos ou dramas históricos (e a este nível é impossível não conjecturar eventuais raízes comuns com o Tchiloli de outra ilha atlântica lusófona, S. Tomé, com os seus autos baseados nas Cartas de Carlos Magno e origens

num dramaturgo também ele insular, atlântico e lusófono, um madeirense). Ainda hoje em dia, muitas vezes a espada que o puxador leva na Dança é antiga, emprestada por algum museu. Os Bailinhos, mais modestos e de raiz profana, com música alegre e forte humor satírico, eram feitos pelo povo à noite. Hoje em dia, tanto as Danças de Espada como os Bailinhos acontecem à noite, misturados num único evento: as Danças de Carnaval.

Curiosamente, estando na ilha, pareceu-me encontrar paralelos entre o seu Carnaval e a tradição de como se vivia no passado o teatro de revista, género que quando nasceu em Paris no séc. XVIII também acontecia numa única altura do ano (Dezembro/Janeiro, quando se passavam os acontecimentos do ano decorrido em revista, daí o nome). No séc. XIX espalhou-se por toda a Europa, incluindo Portugal, onde apesar da sua atual decadência, no período do Estado Novo teve um papel social e político relevante pela sua popularidade e pela especialização na sátira do subtexto aos poderes instituídos. Embora da parte dos principais investigadores que estudaram de forma mais aprofundada e continuada as Danças (nomeadamente José Orlando Bretão e Augusto Gomes) eu não tenha encontrado nenhuma referência escrita a uma possível ligação ao teatro de revista, essa ligação parece-me evidente (quer no tipo de estética em palco, quer na sátira político-social) e chegou-me a ser oralmente referida por pessoas que escrevem, representam e encenam Bailinhos.

Tendências contemporâneas, dos meios digitais às identidades sexuais

Constatarei que nas vivências de Entrudo na ilha, do local ao global, do manual ao digital, há em todo este fenómeno tanto de tradicional como de contemporâneo.

Ao nível dos meios digitais há uma presença muito forte do Carnaval no vídeo (negócio dos DVDs), TV cabo (para além

da transmissão na RTP Açores há um canal de cabo local a transmitir Danças de Carnaval) e internet (destaque para os sítios www.youtube.com, www.azorestv.com e www.viaoceanica.com com vídeos on line das Danças de Carnaval). No meu trabalho há algumas “personagens” particularmente reveladoras dessa realidade: Ivo Serra, com o seu negócio de gravação e venda de DVDs de Bailinhos, mais o seu filho, o menino Carlinhos, estafeta de DVDs com gravações das atuações, a serem entregues aos “mestres” como recordação da passagem do grupo pelo salão; ou Paulo Feliciano, com a sua empresa Vitec a transmitir em direto para um canal local de TV cabo e a transmitir via internet para os emigrantes nos EUA e Canadá. Numa atividade já desaparecida em muitos outros sítios, surge Telmo Alves, radioamador em comunicação permanente com radioamadores de outras freguesias com vista a ajudar a gerir o fluxo das Danças em palco.

Refira-se também em viva transformação a crescente riqueza dos trajes de cena, cada vez mais espetaculares, mais coloridos, com mais brilho, assim como se tem assistido a um desenvolvimento da dimensão musical, devido às bandas filarmónicas das Sociedades da ilha que levam muitos jovens a tocar instrumentos musicais, do clássico erudito (ex: violino) ao folclore popular (ex: cavaquinho). Em oposição, nota-se um empobrecimento do vocabulário e das rimas nos textos. Nesse sentido, cheguei a filmar leituras interpretadas de antigos “enredos que a porca comeu” (textos de anos anteriores que não se realizaram por impossibilidade dos seus membros) que em comparação com os atuais pareceram-me melhor escritos. Assim como procurei registar elementos que possam vir a desaparecer (é essa a tendência por exemplo das Danças de Espada – em 57 Danças no Carnaval de 2012, houve 31 Bailinhos, 20 Danças de Pandeiro, 4 Comédias, das quais 1 Monólogo e já só se fizeram 2 Danças de Espada).

Em termos de temáticas, valores e comportamentos

socioculturais presentes nas Danças de 2012 revela-se um grande descontentamento social, quer passivo (há representações teatrais com títulos como A Estética das Aflições, Lamúrias da Pobreza ou A Crise Faz Pensar), quer ativo (com títulos como Antes da Revolta, A Revolta Popular ou Regresso do Zé do Telhado). Também está bastante presente a cultura televisiva (A TV do José ou Televisão Digital Terceirense) e especialmente a cultura audiovisual americana (Faustino em Hollywood ou Flintstones Desaparecidos em Combate). Registam-se temas nacionais (Fado Património da Humanidade) e locais (Tourada dos Estudantes ou Ganadaria Irmãs Bulhões). Está patente a importância da música (A Cantoria do Ano ou Uma Canção Para Ti: Das Nove Ilhas dos Açores) e das questões familiares (Amor de Sogra ou Procura-se Um Pai). Há ainda temáticas que vão da expressão dos afetos (Vamos Falar de Amor ou O Som do Coração) ao imaginário do desejo (Uma Bailarina Brasileira ou Desejos Endiabrados).

Uma temática recorrentemente presente em Danças de Carnaval é a das questões de género e identidade sexual. Antigamente apenas os homens podiam representar pelo que os papéis femininos eram representados por homens vestidos de mulher. Hoje em dia há uma maior igualdade entre sexos e as mulheres também entram, estando presentes em grande número e plenamente integradas (embora como mestres, isto é, como líderes a coordenar o grupo e a marcar o ritmo em cena, as mulheres ainda estejam em minoria). Não obstante a forte presença atual das mulheres em palco, continua a ser comum entrarem homens travestidos, revelando-se o Carnaval ser um momento de permitida experimentação transgénero. Simultaneamente é um momento de homofobia e repressão com frequentes cenas de gays ridicularizados por serem femininos, o que não deixa de ser contraditório com o facto de no contexto açoriano a Terceira ser conhecida pela sua cultura gay. Há portanto aqui

um paradoxo que me pareceu interessante questionar. Coloquei então perguntas sobre essa matéria aos participantes, quer ao dramaturgo mais consagrado da ilha que regularmente escreve conteúdos homofóbicos, quer a gays, que em geral não se quiseram identificar, ou mesmo ao padre-ator que em palco faz “de tudo menos de padre, mulher e gay”.

Um processo antropológico de fazer videoarte

Embora este projeto seja antes de mais artístico, foi-se desenvolvendo, aprofundando e questionando no âmbito de uma pós-graduação em Culturas Visuais Digitais no ISCTE. Em termos de antropologia visual acabei por fazer do Carnaval da Terceira o meu campo de trabalho académico. Muito naturalmente fui cruzando antropologia e arte a partir do vídeo, uma vez que vejo a antropologia como uma forma de produção de conhecimento muito artística na sua subjetividade interpretativa autoral, e simultaneamente eu próprio tenho vindo a criar trabalho artístico com uma metodologia de certa maneira bastante próxima das práticas antropológicas, pois passa frequentemente por um registo documental do real que depois, por via da edição das imagens, reinterpreto tomando questões como a identidade ou a alteridade. Se por um lado procurei documentar em imagens o que corre o risco de desaparecer porque é frágil, efémero, imaterial, por outro lado quis sublinhar o que é inovador, criativo, dinâmico.

Preocupe-me em abordar diferentes aspetos que caracterizam o espírito do Carnaval terceirense, numa composição de planos estetizada onde os planos próximos têm uma grande presença. Todo o processo foi feito pensando numa montagem expositiva que precisamente apresentasse diferentes dimensões entrecruzadas num dispositivo de videoinstalação multicanal. Cada projeção mostra uma representação de imagens e sentidos, que visa dar uma múltipla percepção ao espectador

de um fenómeno também ele múltiplo na sua estrutura cultural, artística, histórica, económica, social, política, etnográfica e, no fundo, identitária.

Olhar de dentro e olhar de fora, condição insular

Ao nível da procura de testemunhos, preocupe-me em falar com o máximo de pessoas possíveis filmando várias entrevistas. Entrevistei especialmente terceirenses conhecedores do processo festivo e da História do Carnaval. Desde o taxista-dramaturgo Hélio Costa no gabinete onde em sua casa escreve, passando pelo Padre Francisco Dolores circulando entre a igreja e a sua biblioteca ou Marta Cardoso, a animada anfitriã do Jantar de Comadres. Em Lisboa entrevistei pessoas que completassem a visão interna e envolvida dos terceirenses com uma perspetiva externa, quer especializada em teatro popular português (o ator e professor Guilherme Filipe), quer em antropologia (o antropólogo e diretor do Museu Nacional de Etnologia, Joaquim Pais de Brito e o antropólogo e professor do ISCTE, Paulo Raposo).

A certa altura, passei de entrevistador a entrevistado. Foi absolutamente surpreendente observar o volte-face da minha autocriada condição de observador-artista-investigador que vai com a sua câmara filmar acontecimentos e entrevistar pessoas, tornando-me a meio do processo objeto de atenção nos media locais (fui entrevistado para a RTP Açores, Rádio Club de Angra e jornal A União e na rua havia quem já me chamasse pelo nome) o que revela a importância do olhar de fora num meio isolado. A perspetiva exterior passa a ser desejada pela comunidade que se quer ver ao espelho no olhar do outro. A perspetiva exterior tanto observa como reflete, logo pode ser apropriada e integrada na imagem que esse meio cria de si próprio. Como tal, creio que se há sempre uma influência do olhar de fora na criação de uma identidade, isso é particularmente marcado numa condição

insular. Por isso acabei por incorporar no trabalho final essas entrevistas que me foram feitas pelos media locais. Ficaram como diálogo remanescente desse jogo de câmaras, troca de olhares entre o interior e o exterior da ilha.

O Carnaval são 4 dias

Se geralmente o Carnaval são três dias, na Terceira as Danças de Carnaval duram quatro. Mas ainda antes desses quatro dias andei a filmar os preparativos em torno da festa – ensaios, gastronomia, ateliê de confecção de trajes de cena, elaboração dos sofisticados penteados no cabeleireiro, manicure e, claro, não podia deixar de referir: os Jantares de Amigos, os Jantares de Amigas, os Jantares de Comadres e os Jantares de Comadres, marcados para as respetivas quatro quintas-feiras de cada semana antes do Entrudo.

De destacar na exposição as imagens do Hollywoodesco Jantar de Comadres, em que os homens ficam à porta como chauffeurs das senhoras em animado convívio, fantasiadas de estrelas de cinema na cerimónia dos Oscars.

Dos quatro dias de festa, fiquei dois numa única Sociedade Recreativa, na Terra Chã, onde fui amavelmente recebido por todos. Aí, através de grandes planos e de planos de conjunto de variadíssimas pessoas a assistir às atuações, mostro o ambiente geral do público, tirando partido daquilo que só um medium de imagens em movimento pode dar. Nenhum livro sobre as Danças de Carnaval, nem nenhum relato oral pode mostrar o brilho nos olhos ou as coletivas gargalhadas na plateia, demonstrativos do espírito que se vive nos salões. Nos meus vídeos procurei que se vissem ampliadas as emoções expressas nos rostos dos espectadores, que se respirasse a sofreguidão com que nos bastidores se muda a roupa dos atores ou ainda que se sentisse o ambiente à volta da mesa onde depois da atuação todos

comem juntos e chegam a fazer rimas ao despique.

Nos outros dois dias acompanhei um grupo em digressão à volta da ilha com a Dança de Pandeiro da Terra Chã - Sociedade Filarmónica, pois faz parte da tradição, reforçada com os modernos meios e veículos de comunicação, os grupos apresentarem as suas Danças no maior número possível de freguesias da ilha. É um percurso que começa pelo fim da tarde e que só termina entre as 4 e as 6h da manhã. Por isso muitos terceirenses tiram férias nesta altura. Fiz assim toda uma sequência de planos com câmara em mão, sem tripé, em que ia com os jovens nas carrinhas filmando o convívio, a viagem, as “cantorias” e os espetáculos, assim como os constantes foguetes que anunciavam sempre a nossa chegada a um salão, servindo de aviso à população para vir das suas casas à Sociedade (ao som de um foguete todos sabem que mais ou menos 15 minutos depois começa uma Dança, e todos estão atentos aos foguetes nesses dias porque nunca se sabe quando pode chegar um Bailinho de outra freguesia).

Envolvimento com a Comunidade

Na noite da inauguração da exposição, o Museu Nacional de Etnologia estará em ligação direta com a Sociedade Recreativa e Musical da Terra Chã, em videoconferência, via internet. É uma oportunidade das pessoas na exposição, em Lisboa, poderem colocar perguntas sobre as imagens que viram ou simplesmente travar conhecimento com alguns dos participantes dos vídeos expostos, num dos principais cenários onde decorreram as filmagens. Para as pessoas na Terra Chã é uma forma de, apesar da distância, estarem presentes na inauguração de um evento onde são protagonistas e aí terem também uma voz. Para mim é o prazer de culminar este processo envolvendo aqueles que tão bem me receberam.



Rui Mourão (Lisboa, 1977) vive e trabalha em Lisboa.

Estudou fotografia e arte contemporânea na Universitat Autònoma de Barcelona e interpretação / cinema no Centre d'Estudis Cinematogràfics de Catalunya (Barcelona). Estudou artes visuais na Escola de Artes Visuais Maumaus (Lisboa) e na Konsthögskolan i Malmö / Malmö Art Academy (Malmö, Suécia). Fez colaborações artísticas para Coco Fusco (2002) e Erwin Wurm (2008). Atualmente frequenta uma pós-graduação em Culturas Visuais Digitais no ISCTE.

Foi selecionado para a mostra nacional Jovens Criadores, secção de vídeo (2006 e 2007), para a Anteciparte – “Uma selecção da mais jovem expressão artística nacional” (2009) e para o FUSO – Anual Internacional de Videoarte de Lisboa (2010) onde recebeu o Prémio do Público no Museu Berardo.

Das suas exposições individuais destaca: X + Y = XYZ, Laboratório das Artes (Guimarães, 2012); Rui Mourão/ Videoarbeiten/2005–2010, Rosalux (Berlim, 2010); Por Bem, Palácio Nacional de Sintra (Sintra, 2009); Coup d'Art, CAPC – Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (Coimbra, 2009); A Vida Segue a Um, Sala do Veado, Museu Nacional de História Natural (Lisboa, 2008).

Das suas exposições coletivas destaca: Dublin 7 Culturefest, Block T Gallery (Dublin, 2012); Hidden & Forbidden Identities, Palazzo Albrizzi (Veneza, 2012); Ouvertures d'Ateliers d'Artistes de Marseille, Ateliers de la Ville de Marseille (Marselha, 2011); O Que Passou Continua a Mudar, Plataforma Revólver (Lisboa, 2011); The Garden as a Mirror, Künstlerhaus Bethanien (Berlim, 2010); Anteciparte, Museu do Oriente (Lisboa, 2009); At/By/For/

Into/Around The House, Pavilhão 28 (Lisboa, 2008) e Koh-i-noor (Copenhaga, 2008); Liquid Room, NCCA – National Center for Contemporary Arts (Moscou, 2008); Private Office, Espaço Avenida (Lisboa, 2007); After Urban, Monkey Town (Nova Iorque, 2007); Tudo Menos a Palavra?... Instituto Camões (Lisboa, 2007); LOOP, distritoQuinto (Barcelona, 2007).

Dos festivais internacionais de vídeo em que participou destaca: Kurye International Video Festival (Istambul, 2009); LOOP - The Video Art Festival (Barcelona, 2007 e 2008); FRAME (Porto, 2006); International Videodance Festival (Tel Aviv, 2006).

Em 2012 participará no programa de intercâmbio de artistas da Câmara Municipal de Lisboa realizando uma residência artística de um mês em Budapeste.

www.ruimourao.com



Agradecimentos: Abel Mendonça, Adão Manuel Leonardo, Alberto Carreira, Alberto Leal, Alexandra Conde, Alexandra Pinho, Ana Botas, Ana Martins, Ana Rita Rocha, Anabela Leal, André Pires, Andreia Páscoa, António Adelino, Beatriz Corvelo, Benvinda Salvador, Bernardete Gomes, Bryan Bettencourt, Casemiro Ribeiro, Carlos Silva, Catarina Félix, Centro Social da Freguesia de S. Mateus, Cristina Fixer, Daniel Meneses, Daniela Martins, Dércio Rocha, Dino Sousa, Durval Festa, Elisabete Melo, Elmano Nunes, Elvino Lourenço, Emília Ferreira, Eugénio Medeiros, Fábio Bettencourt, Fernando Mourão, Filipa Coelho, Filipe Reis, Fontinhas - Grupo de Amigos, Fátima Corvelo, Francisco Camilo, Guilherme Filipe, Hadas Bar, Hélio Costa, Helga Lima, Humberta Augusto, Humberto Martins, Ivo Silva, Jessica Rocha, João Brito, João Lima, João Mourão, João Paulo Trovão, Joaquim Pais de Brito, Jorge Lourenço, Jornal A União, José Bettencourt, José Carlos Alvarez, José Montoya, José Nogueira, José Silveira, Jürgen Bock, Leandra Rocha, Leonor Festa, Lourenço Martins, Lúcia Costa, Lúcio Rocha, Luís Bretão, Luísa Ávila Bretão, Luísa Cardoso, Luís Pedro Nogueira, Maarten Roos, Margarida Meneses, Manuel Rocha, Manuela Nogueira, Marcia Rebelo, Maria dos Anjos Rocha, Maria Raposo Mourão, Marta Cardoso, Micaela Matos, Miguel Vale de Almeida, Museu do Carnaval, Museu Nacional do Teatro, Nicole Bettencourt, Paolo Favero, Padre Francisco Dolores, Padre Marco Gomes, Padre Tomás Brito, Patrícia Rocha, Paulo Feliciano, Paulo Pereira, Paulo Raposo, Paulo Rui Melo, Pedro Moura, Pedro Rocha, Rádio Club de Angra, Ricardo Pires, Ricardo Rego, RTP Açores, Rui Coelho, Rui Nogueira, Sandra Gaspar, Santa Bárbara - Grupo de Amigos, Santa Cruz - Grupo de Amigos, Telmo Alves - Radioamador, Terra Chã - Casa do Povo, Terra Chã - Grupo de Amigos, Tiago Ornelas, Vanessa Medeiros, Vitec, Zeferino Rocha, Zita Sousa e a todos aqueles que anonimamente nos salões das Sociedades fazendo do Carnaval uma festa contribuíram para este projeto de forma essencial.

Agradeço ainda especialmente ao Museu Nacional de Etnologia por acolher esta exposição, assim como à Sociedade da Terra Chã e a todas as Sociedades Recreativas e Filarmónicas da Ilha Terceira que me permitiram filmá-las.

Apoios:



Museu Nacional de
ETNOLOGIA



Câmara Municipal
Lisboa



